

Com Brasil

Calma precária

Embora estejamos longe de um desfecho qualquer da crise política desencadeada pelo irmão caçula do presidente, a sociedade vai, nos poucos, se acostumando com a turbulência e o nervosismo inicial vai sendo substituído pelo que poderíamos definir como uma calma precária.

Um dos principais fatores que poderiam alimentar aquele nervosismo, a inflação, não está confirmando as previsões pessimistas: ficou instável em junho, apesar de todas as incertezas provocadas pelo agravamento da crise política. O Índice de Preços ao Consumidor da Fipe, que ao longo do mês passado parecia prenunciar uma trajetória de alta, acabou fechando junho com 22,45%, uma variação ligeiramente inferior à de maio, que foi de 22,53%.

Indicador mais sensível da inquietação dos agentes econômicos, também o mercado financeiro vem caminhando nos últimos dias em direção à normalidade. É certo que, nos piores momentos da crise política, o Banco Central teve de atuar intensamente no mercado de câmbio para evitar que as cotações explodissem. Mas, na terça-feira passada, quando a diferença entre o câmbio paralelo e o comercial caía pelo terceiro dia consecutivo, enfim o BC respirou aliviado: o mercado, que até então só queria comprar dólares, passou a vendê-los.

Os investidores, que fugiram das bolsas de valores ao se declarar a crise — com a conseqüente queda violenta das cotações dos principais papéis —, estão voltando ao mercado, como se pode constatar no aumento de nada menos do que 71,2% no volume negociado pela Bovespa na terça-feira, em relação ao volume negociado na véspera. As cotações também têm

subido nos últimos dias, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro.

Na área do governo, o melhor sinal da volta gradual à normalidade está no mercado de papéis da dívida pública. Desde o início da crise o BC não conseguia colocar no mercado o total de títulos que oferecia em leilão, o que acabava dificultando a rolagem dos papéis que estavam vencendo. Na terça-feira, pela primeira vez em seis semanas, vendeu toda a oferta de Cr\$ 13,99 trilhões, mais do que suficiente para cobrir o total de Cr\$ 12 trilhões que venceu ontem.

Há quem veja razões técnicas para esse sucesso: o fato de o mercado necessitar de papéis para lastrear o patrimônio dos "fundões" e dos depósitos especiais que abrigarão boa parte dos cruzados novos que serão liberados na próxima semana. Mas essa razão técnica existe há tempos e nem por isso, no mês passado, o BC conseguiu vender todos os papéis que ofereceu. O principal motivo para o êxito de terça-feira é político: a constatação de que a crise, se não foi aliviada, certamente não piorou.

Atuando como o grande esteio de um governo cuja credibilidade desmorona, o ministro Márcilio Marques Moreira — por sua dignidade pessoal, por seu bom senso, pela confiança que tem inspirado, até mesmo naqueles que discordam de sua política mas o respeitam por sua seriedade — foi ontem justamente homenageado por uma parcela expressiva do empresariado que quer manter o País funcionando.

A sociedade como um todo deseja ardentemente a normalização da vida econômica — e os políticos têm a obrigação de contribuir para que esse desejo seja satisfeito o mais rapidamente possível.